

VITRINE DE CURIOSIDADES

MASCARADOS DE VENEZA

Faiança policromada

1764-1812, Itália, Veneza,

A. 18,5 / A. 19 cm

MAH.R.1989.0844 e MAH.R.1989.0845

A prática de mascarar, que é o mesmo que dizer ocultar o rosto, cobrindo-o com uma máscara, enraizou-se, desde o século XI, nos hábitos quotidianos de Veneza, encontrando-se presente nas mais diversas cerimónias de cariz religioso, político e diplomático. Como tal, não será de estranhar que – neste ambiente social, onde individualmente, todos os momentos da vida cívica e todos os comportamentos seriam observados e avaliados pela comunidade, no seu todo – o uso de máscara, repetido e recorrente, invadissem festividades. Assim tornou-se requisito, quase obrigatório, durante o Carnaval, essa expressão máxima de folia que, durante séculos, estendeu-se por cerca de seis meses, desde outubro até às festas da Ascensão, apenas com uma pausa na Quaresma.

Nesse período, todos saíam à rua, do Doge ao mais miserável dos mendigos, e a *bauta* – máscara complementada com capuz de seda negra a que se juntava um tricórnio –, a garantir o anonimato, tornou-se célebre. Toda a Europa era atraída para este Carnaval, para grande proveito da cidade: casas e praças eram invadidas por *bautas*, tricórnios, *zendales* (uma espécie de xaile curto), capas negras, e também inúmeros disfarces, cujo limite seria a criatividade. Nas praças principais havia todos os tipos de torneio, desde corrida de touros, concursos de força, acrobatas, mágicos, charlatães e saltimbancos. O nobre dançava com a filha do povo e o monge com a cortesã, sob a *bauta* escondiam não só a sua origem, mas também o seu sexo, neste enorme caos social e festivo. A tolerância da *Sereníssima* para com os excessos da licenciosidade e da permissividade levou a que pelo menos, por duas vezes, em 1509 e 1606, recebesse a excomunhão papal.

Os dois mascarados que se apresentam, integrados na Unidade de Gestão Artes Decorativas e Ornamentais do Museu de Angra do Heroísmo, ostentam a marca da fábrica de porcelana Cozzi que laborou em Veneza entre 1764 e 1812.

Fundada por Geminiano Cozzi de Modena, que se associou com o alemão Friedrich Hewelcke, vindo de Dresden (perto de Meissen) e que já instalado em Veneza, produzia porcelana desde 1758. Foi a última das três fábricas de porcelana existentes em Veneza no século XVIII, mas a que tornou a porcelana veneziana mais famosa na época.